

GÊNERO, EDUCAÇÃO E INFÂNCIA: OS IMPACTOS DAS MÍDIAS SOCIAIS

GENDER, EDUCATION AND CHILDHOOD: THE IMPACTS OF SOCIAL MEDIA

Milena de Melo Toardi¹
Fabiane Freire França²
Regina Ridão Ribeiro Conde de Paula³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma as mídias sociais se relacionam com questões de gênero durante a infância, com enfoque às desigualdades e aos estereótipos existentes entre as crianças. Fundamentado nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais, foi feita uma pesquisa no motor de busca “Google Acadêmico”, a fim de realizar uma revisão bibliográfica dos artigos que possuem os descritores “mídias sociais” e “gênero” em seu título, publicados no Brasil, com o recorte temporal de 2022 a setembro de 2025. Para subsidiar nossas investigações, empregamos gênero como uma construção social que constitui a identidade dos indivíduos, a sua maneira de ser, compreender e se expressar na sociedade e em suas relações, além dos papéis esperados que sejam utilizados por eles. As investigações demonstram que as mídias sociais exercem função significativa na construção das discriminações e dos padrões de gênero, influenciando a identidade das crianças, à medida que estas são inseridas nesse espaço cada vez mais cedo. Apesar disso, esses ambientes atuam também como locais que promovem discussões e reflexões acerca desta temática.

Palavras-chave: gênero; educação; mídias sociais; infância.

ABSTRACT

This study aims to analyze how social media relates to gender issues during childhood, focusing on existing inequalities and stereotypes among children. Grounded in Gender Studies and Cultural Studies, research was conducted using the “Google Scholar” search engine in order to carry out a literature review of articles published in Brazil between 2022 and September 2025 that included the descriptors “social media” and “gender” in their titles. To support our investigation, gender is understood as a social construction that shapes individuals’ identities, their ways of being, understanding, and expressing themselves in society and in their relationships, as well as the roles expected of them. The findings show that social media plays a significant role in the construction of gender-based discrimination and patterns, influencing children’s identities as they are increasingly introduced to these environments at an early age.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail para contato: ra124095@uem.br.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mestrado e doutorado pelo PPE/UEM. E-mail para contato: fffranca@uem.br.

³ Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e em Pedagogia pela Faculdade Campos Elíseos (FCE). Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos (FCE). Doutoranda e Mestre em Educação pelo PPE/UEM. E-mail para contato: reginaridao@gmail.com.

Despite this, these spaces also function as settings that promote discussions and reflections on this topic.

KEYWORDS: gender; education; social media; childhood.

1 INTRODUÇÃO

A autora, como graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e atuante na área da Educação, vivenciou práticas pedagógicas que impactavam o comportamento das crianças, ligados aos papéis de gênero, entre elas, a distinção nas brincadeiras e brinquedos, reforçando os estereótipos e as distinções entre o que é feminino e masculino.

Dessa mesma maneira, mesmo antes do nascimento, as pessoas são destinadas às práticas de gênero, definindo em chás revelação as cores atribuídas para meninos ou meninas, nos papéis de presente, na decoração do quarto, no enxoval do/a bebê esperado, nos brinquedos que poderão brincar e/ou nas expectativas que os pais, mães e/ou responsáveis criam para o seu futuro. Essas atividades as acompanham no decorrer de suas vidas, no ambiente escolar quando são separadas em filas, em suas vestimentas, nos desenhos que assistem e no reforço de comportamentos adequados. Para mais, perpetuam até quando adultos/as, no ambiente de trabalho, nas tarefas domésticas distintas, nos papéis de maternidade/paternidade e/ou nas normas de aparência. Sendo assim, a temática de gênero está presente nas atividades que os sujeitos realizam e, portanto, faz parte da construção da sociedade.

Como afirma José Carlos Libâneo (1994), é na escola que as crianças são inseridas em atividades de socialização primordiais, uma vez que o espaço educativo atua também na preparação para a vida em sociedade, em razão das interações cotidianas, das regras e das experiências coletivas, cumprindo a atribuição de inserção cultural e social, contribuindo para a constituição das identidades. Diante disso, evidencia-se a relevância dessa discussão na formação de docentes, ao favorecer a redução de práticas que limitam os indivíduos de acordo com seu gênero dentro do ambiente escolar, pois como exibem Fabiane Freire França e Geiva Carolina Calsa (2008, p. 1):

O ambiente escolar é restrito a um modelo de aluno que deve corresponder à norma social: um menino ou uma menina com as características de gênero, heterossexualidade e estrutura familiar compatíveis com o que é esperado pela sociedade.

A partir disso, Zilene Pereira Soares e Simone Souza Monteiro (2019) afirmam que a falta de reflexão acerca da diversidade sexual colabora para o silenciamento e a exclusão de pessoas que não se encaixam no que é considerado o “padrão”.

É importante considerar que, na contemporaneidade, as mídias sociais também exercem forte influência nos processos de socialização, pois, por meio delas, seus/suas usuários/as conseguem notícias de todo o mundo, contato com pessoas distantes e até mesmo não conhecidas. Dessa forma, em razão dos avanços tecnológicos que aconteceram nas últimas décadas, como as funções ampliadas dos smartphones, computadores e tablets, os meios digitais são sobrepostos à velocidade do compartilhamento das informações quando comparadas aos outros meios de comunicação (André Luiz dos Santos Silva *et al.*, 2024, p. 35), e que, assim como os/as adultos/as, as crianças são inseridas nesse meio de forma cada vez mais rápida, impactando diretamente a construção de suas identidades e a percepção de si mesma em relação ao/a outro/a.

Fundamentado nisso, o presente artigo busca responder ao seguinte problema: “De que maneira as mídias sociais influenciam a construção e a percepção das desigualdades e dos padrões de gênero em crianças no contexto brasileiro, considerando a produção acadêmica recente?”. A partir dessa problemática estabelecemos como objetivo desta investigação analisar de que forma as mídias sociais se relacionam com questões de gênero durante a infância, dando enfoque às desigualdades e os estereótipos existentes entre as crianças. Como hipótese de pesquisa, acreditamos que as mídias sociais se relacionam à medida em que reforçam estereótipos e papéis de gênero, além de ampliar as discriminações entre estes, uma vez que, coloca as mulheres em lugar de inferioridade em relação aos homens.

Para isso, definimos o conceito de gênero, mídias sociais e infância empregados pelos Estudos de Gênero e os Estudos Culturais, para que, assim, haja uma melhor compreensão do tema explorado. A partir disso, foi realizada uma pesquisa pelo motor

de busca “Google Acadêmico”, a fim de selecionar os artigos que possuem as palavras “mídias sociais” e “gênero” em seus títulos, publicados no Brasil. Em decorrência de se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e portanto uma investigação realizada em um ano, não foi possível executar uma revisão bibliográfica considerando todos os artigos publicados sobre esta temática, devido a sua grande quantidade, por isso, selecionamos como recorte temporal de 2022 a setembro de 2025. Com as produções selecionadas, estas foram relacionadas e analisadas de modo a divulgar à comunidade científico-acadêmica e à população externa seus levantamentos resultantes, por meio da defesa e publicação deste TCC.

Visando alcançar o objetivo proposto, foi feito um levantamento das obras selecionadas, a fim de compor esse acervo bibliográfico, por isso, esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que, segundo Antônio Severino (2016), é realizada a partir de estudos anteriores, propondo a construção de novos conhecimentos por meio da análise descritiva e interpretativa dos fatos.

Vale ressaltar que em nossa revisão bibliográfica a partir dos descritores e período de tempo já mencionados, foram encontrados três artigos correspondentes, porém, apenas dois deles atenderam aos critérios estabelecidos, sendo um excluído por não se adequar aos critérios de inclusão, pois trata o termo “gênero” sob a perspectiva literária. Portanto, analisaremos os textos intitulados “As Narrativas da ‘Ideologia de Gênero’ nas Mídias sociais e na Imprensa: tensionamentos na educação brasileira” e “Mulheres, Futebol e Preconceitos de Gênero e Sexualidade nas Mídias Sociais”.

Dessa forma, o presente trabalho está organizado em três seções: a primeira discute o conceito de gênero e seus papéis, fundamentado nos Estudos de Gênero; a segunda, define mídias sociais a partir dos Estudos Culturais, considerando seu contexto histórico e as transformações ocorridas ao longo do tempo; e a terceira apresenta a revisão bibliográfica realizada e as discussões a partir dela levantada, junto às análises executadas pelas autoras deste artigo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico, utilizamos os Estudos de Gênero para discorrermos sobre a temática de gênero e suas esferas, em complemento, empregamos os Estudos Culturais para fundamentar nossas pesquisas acerca das mídias sociais.

De acordo com Susana Veleda da Silva (2000), os Estudos de Gênero objetivam a análise das relações sociais e culturais, as quais segundo a autora produzem as identidades e representações de gênero e sexualidade, considerando seus aspectos. Por ter sua origem em conjunto aos movimentos feministas, emergiu também a necessidade de uma forma de estudos para além das temáticas ligadas às mulheres, por isso foram englobadas as relações de gênero, que investigam seus indivíduos, suas atividades e seus propósitos, levando em conta as discriminações sofridas por estes. Esta vertente compreende gênero como parte de uma construção social e cultural correlacionada aos conceitos de feminilidade e masculinidade contextualizados socialmente, politicamente e historicamente.

Enquanto isso, os Estudos Culturais, que se caracteriza como um método multiperspectivo, investiga os produtos midiáticos e a cultura, considerando que estes são mercadorias artísticas e políticas que expressam relações de poder e de identidade. Este referencial teórico concebe a cultura como todas as formas de expressão por meio da arte, como exposto por Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (2009, p. 12):

[...] eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. Os Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade.

Dessa forma, o presente trabalho fundamenta-se nestas duas vertentes teóricas, uma vez que, pesquisa as mídias sociais que configura-se como um produto midiático, articulado às questões de gênero. A combinação desses referenciais possibilita uma investigação crítica do objeto selecionado, considerando sua dimensão cultural e suas implicações de gênero.

3 GÊNERO E INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Artigo. 2º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, delimita que: “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (Brasil, 1990, Art. 2º). Portanto, empregamos neste trabalho a infância como o período dentro desta faixa etária, no qual o sujeito passa por mudanças corporais, pelo desenvolvimento de sua identidade e compreensão de si mesmo.

Segundo Dinah Quesada Beck e Bianca Salazar Guizzo (2013, p. 180), o conceito de infância também pode ser entendido como algo historicamente construído e que perpassa por transformações, a depender do tempo histórico, político, econômico, social e cultural no qual o sujeito está inserido.

A infância é um momento em que os indivíduos recebem imposições dos/as adultos/as e dos meios aos quais relacionam-se, podendo se consolidar em quais cores, roupas, brinquedos, comportamentos e expectativas desempenharem, as quais, em sua maioria, reforçam papéis esperados destinados de acordo com seu sexo biológico⁴. Louro (1997, p. 07), define esses papéis como:

[...] padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Com isso, os objetos vão sendo delimitados como “de menina” ou “de menino”, e mesmo desde antes do nascimento, as pessoas são destinadas a práticas de gênero, caso uma pessoa nasça fêmea, é esperado que ela desempenhe papéis ligados à maternidade, delicadeza, docilidade, amorosidade, passividade e meiguice, enquanto o mesmo acontece com o sexo oposto, as quais são consideradas práticas

⁴ Biológico: referente a ideia de sexo, normamente classificado como fêmea ou macho, que se relaciona com a genitália, órgãos reprodutores e hormônios (Jesus, 2012, p. 24).

antagônicas, pessoas aventureiras, fortes, corajosas e líderes. Como afirma Marques (2004, *apud* Andrade e Pereira, 2013, p. 14) em:

É seguro que, desde o momento em que somos sabidos como um ser com sexo biologicamente definido, começamos a ser socializados/as para nos tornarmos o que se espera que sejamos, de acordo com o sexo que temos inscrito no corpo. A nossa chegada já está tudo preparado para nos receber como um forte rapagão ou como uma linda menina.

Vale destacar que gênero se difere de sexo, sendo o segundo atrelado ao corpo e à genitália que nasce com o indivíduo, enquanto o primeiro atrelado às questões sociais, políticas, históricas e econômicas que “atuam sobre os corpos sexuados” (Louro, 1997, p. 6) e se retrata por meio de características destinadas aos corpos biológicos que se efetivam nas práticas sociais. Além disso, este conceito se relaciona à maneira de ser, compreender e se expressar no mundo social e em suas relações, ao considerar suas vivências, experiências e sentidos.

Dessa forma, podemos conceituar gênero como as esferas que perpassam a construção da identidade dos indivíduos, os papéis esperados que sejam designados por eles e a distinção que, como expõe Eliane Rose Maio (2020), ocorre entre a ideia do que é feminino e masculino e são idealizados decorrentes de normas sociais e de convivências. De acordo com a autora, suas especificidades são compreendidas como uma construção social, ou seja, algo que não é natural ou biológico, mas que é produzido na interação entre os seres e que se diferem de acordo com o tempo histórico, cultural e político ao qual pertence, pois é construído e reproduzido ao longo do tempo. Por isso, a depender de qual sociedade está inserido, os papéis e as condutas esperados podem sofrer mutações, como diz Guacira Lopes Louro (1997, p. 7):

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Como consequência, à medida que as relações vão sendo estruturadas, são determinados e delimitados comportamentos, direitos, deveres e posições dedicados

exclusivamente a homens e mulheres perante a sociedade, com essa realização, o gênero masculino acaba se sobressaindo aos outros, colocando-o em posição de superioridade, dominação e poder quando comparado aos demais. As desigualdades de gênero estão presentes em todos os âmbitos da vida cotidiana: nas relações sociais, amorosas, no trabalho, na educação, na política e até mesmo na administração do lar, que ocasiona a diminuição de oportunidades, a violência simbólica, verbal e física.

Estes aspectos são propagados por instituições sociais, como a família, igreja e escola, que, por vezes, repassam ou reproduzem esses padrões, intervindo na construção da identidade das crianças, os quais Roberta Rayza Silva de Mendonça e Allene Carvalho Lage (2021, p. 199) relacionam com a dicotomia por meio de aspectos físicos, comportamentais, aptidões e traços da personalidade, como é retratado no trecho: “A partir de binarismos, mulher x homem, coisa de menina x coisa de menino, brincadeira de menina x brincadeira de menino e tantos outros, vão se demarcando espaços e tarefas que correspondem a mulheres e aos homens”.

Por se tratar de convenções, Berenice Bento (2011) expõe que o indivíduo que se difere da regra sofre punições, mesmo que não infrinja nenhuma lei. Demasiadas vezes é levado à exclusão ou a ridicularização, pressão essa que obriga os sujeitos a se encaixarem na norma, mesmo que seu desejo seja não segui-la. Com isso, os comportamentos e padrões socialmente impostos se estendem aos ambientes virtuais, pois as mídias sociais, ao se tornarem espaços de convivência e de expressão de pessoas e grupos, reproduzem e reforçam convenções instituídas nas relações entre os seres. Dessa forma, os mesmos procedimentos de discriminação se estendem também a esse ambiente.

4 MÍDIAS SOCIAIS SEGUNDO OS ESTUDOS CULTURAIS

Como exposto por Nilson Ferreira de Almeida e Jamile Santinello (2024), e Cláudia Nandi Formentin e Maite Lemos (2011), a utilização das mídias sociais, que são instrumentos de comunicação acessados com o intermédio da *internet*, aumentou consideravelmente durante o período pandêmico da Covid-19, que iniciou em 2020 e

se agravou neste mesmo ano. Pela impossibilidade de encontros presenciais, a socialização dos indivíduos passou a ocorrer por intermédio das redes sociais, o que se efetivou igualmente entre as crianças, uma vez que sua interação, anterior a isso acontecia no ambiente escolar, o qual estava em *lockdown*⁵. Por essa razão, muitos infantes e adolescentes migraram para os ciberespaços⁶ propositando construir um lugar de sociabilidade com seus/suas amigos/as, perpetuando-se até os dias atuais, já que este comportamento começou durante a quarentena, mas não cessou com o final da pandemia e do distanciamento social. Além disso, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, cerca de 88,0% da população brasileira maior de 10 anos possuía acesso à *internet*, entre elas, 83,5% estavam inseridos nas redes sociais (IBGE, 2023).

Segundo Eduardo Name Risk e Manoel Antônio dos Santos (2020), para os Estudos Culturais, mídias podem ser compreendidas como um conjunto de elementos diversificados, constituídos por imagens, sons e textos, que transmitem discursos, práticas e crenças individuais ou coletivas, os quais demonstram relações de poder, além do tempo histórico e político ao qual está inserido. Enquanto isso, para Raquel Recuero (2011), as redes são consideradas sociais, pois, por meio delas, é possível a socialização dos indivíduos com outros grupos em grande escala, ligando pessoas de todo mundo e ampliando a globalização⁷.

Dessa forma, de acordo com Recuero (2011), podemos definir mídias sociais como uma plataforma popular que possibilita a interação, expressão de opinião e compartilhamento de notícias, de interesses pessoais e comunicações rápidas, as quais, combinam diferentes tipos de imagens, vídeos, áudios e textos de fácil acesso e de simples linguagem, já que têm como objetivo alcançar o máximo de pessoas possível e se fazer entendível. A autora expõe que as redes sociais surgem com a transformação das mídias de massa, que antes apenas propagavam o conteúdo mediante a televisão, cinema, livros e revistas, e concebia seus/suas

⁵ *Lockdown*: termo em inglês que se popularizou na pandemia da Covid-19, em 2020. Utilizado para se referir às medidas restritivas obrigatórias, sendo liberadas apenas ações consideradas essenciais.

⁶ Ciberespaços: ambientes digitais onde pessoas e informações circulam, possibilitando a criação de relações.

⁷ Globalização: processo pelo qual resulta a integração ou interação entre diferentes países, culturas e economias (Campos e Canavezes, 2007).

telespectadores/as como meros/as consumidores/as que absorviam tudo o que lhes era imposto, estes/as passam a desempenhar um papel ativo, produzindo junto a criadores/as de conteúdos⁸, ao divulgar suas opiniões de maneira grupal e se expressar por meio de curtidas e comentários. Joel Comm (2009, *apud* Formentin e Lemos, 2011, p. 03), argumenta que ao realizar uma publicação, o sujeito desta ação já espera a participação de seus/suas ouvintes, e que, para ele, estas características constituem as redes sociais como: “a parte ‘social’ da mídia social e significa que, atualmente, publicar é participar”.

Na sociedade atual, a vida da maioria das pessoas é transpassada pela *internet*, utilizamo-la para: comunicação, compras, trabalho, pesquisas, estudos e atualizações de informações, portanto, por sua rapidez de troca e mudanças quanto à estrutura, padrões e formas de compartilhamento, também desempenha um papel como ferramenta modificadora de comportamentos, que consequentemente, modelam a subjetividade⁹ dos indivíduos. As relações, os hábitos e as condutas criados no mundo digital são expandidos para além deste ambiente, e tem os conteúdos consumidos como influência para a vida pessoal e o convívio entre os grupos, de modo a gerar novas formas de inter-relacionar-se que até então não eram possíveis ou comuns.

Assim, as mídias sociais se efetivam também como um espaço que passa a ensinar comportamentos e posições dos indivíduos, como é exposto por Andrey Gabriel Souza da Cruz, Teresa Kazuko Teruya e Eliane Rose Maio (2023, p. 4): “[...] influencia tanto nossas formas de ser, agir e pensar, sendo uma das instituições sociais que ditam e ensinam os moldes que cercam raça, gênero e sexualidade”, já que é por meio delas que muitas crianças têm acesso a informações, entretenimento e a socialização com outras pessoas, dessa forma, desempenham uma forte interferência no desenvolvimento da identidade.

Vale ressaltar que, como consequência ao fácil acesso a essas plataformas, muitos indivíduos se sentem livres para expressarem suas opiniões e gostos. Fundamentado nisso, tornam-se instrumentos de propagação e criação de ideais, à

⁸ Criadores de conteúdos: pessoas que criam materiais para os canais de comunicação, visam o entretenimento ou a disseminação de notícias.

⁹ Subjetividade: a maneira como cada sujeito percebe e interpreta a si mesmo e o mundo ao seu redor, fundamentada nos seus sentimentos, vivências, vontades e sentidos pessoais.

medida que também podem servir como espaços de ataques e ameaças, refletindo a organização social, cultural, política e econômica na qual o/a seu/sua usuário/a está inserido/a. Em vista disso, é preciso compreender a articulação entre as mídias e as relações de gênero.

5 MÍDIAS SOCIAIS ATRELADAS ÀS QUESTÕES DE GÊNERO

Para a revisão bibliográfica, pesquisamos “mídias sociais” e “gênero” no motor de busca “Google Acadêmico” por meio da ferramenta “pesquisa avançada” para selecionamos os artigos que possuem todas essas palavras em seus títulos, publicados no Brasil, com recorte temporal de 2022 a setembro de 2025. Considerando que esta investigação é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), portanto seu desenvolvimento se efetiva ao longo de um ano, optou-se por utilizar essas especificidades para a seleção das obras a serem analisadas, em razão da grande quantidade de produções existentes, sendo inviável contemplar todas elas dentro do período estimado. Assim, foram encontrados três artigos que se encaixam nesses atributos. Dentre eles, dois foram utilizados, tendo em vista que o texto excluído emprega esses conceitos sob a perspectiva literária, e por isso não se enquadra nos critérios aplicados.

O artigo denominado “As Narrativas da ‘Ideologia de Gênero’ nas Mídias Sociais e na Imprensa: tensionamentos na educação brasileira”, de Kerzia Railane, Elda Alvarenga e Erineusa Maria da Silva (2022), objetivou a análise das narrativas das publicações em mídias sociais e da imprensa brasileira do Espírito Santo que expressavam opiniões acerca das temáticas de gênero e diversidade sexual como conteúdo das aulas, com enfoque na “ideologia de gênero”.

As autoras investigaram as discussões que ocorreram sobre a reflexão de gênero dentro do ambiente escolar por meio da sua inclusão no Plano Nacional de Educação (PNE), que pode ser entendido como uma ferramenta para o planejamento da educação brasileira, por se tratar “das diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação, contemplando os diversos níveis, etapas e modalidades educacionais”

(Jhonny David Echalar; Daniela da Costa Britto Pereira Lima; João Ferreira de Oliveira, 2020, p. 863).

Dessa forma, as pessoas que se colocavam contra a discussão de gênero e diversidade sexual no ambiente escolar denominavam esta prática como “ideologia de gênero”, sendo em sua maioria figuras ligadas à igreja e ao conservadorismo¹⁰ (Railane; Alvarenga; Silva, 2022).

Para melhor compreensão, é necessário considerar que as autoras definem gênero como um conceito que retrata as desigualdades por meio de aspectos políticos, sociais e culturais, rejeitando as justificativas para a subordinação das mulheres baseadas nas diferenças biológicas (Railane; Alvarenga; Silva, 2022). Enquanto isso, entendem ideologia como a apresentação de uma ideia tal qual verdade absoluta, válida para todas as pessoas e sociedades, sem abrir espaço para questionamentos. Portanto, “ideologia de gênero” pode se expressar como:

Uma falácia orquestrada para, de um lado, desqualificar o seu caráter científico e acadêmico e, de outro, confundir as pessoas, ganhar adeptos e intimidar em especial os/as profissionais da educação. Isso porque gênero é criado justamente para desocultar o que culturalmente nos é inculcado, por exemplo: a inferioridade feminina faz parte da natureza da mulher e não é fruto de construções sociais. É definido como a escolha arbitrária do que ser ou não ser, fugindo à lógica da criação como uma tentativa falha de aproximar-se do que “é” Deus: o criador (Railane; Alvarenga; Silva, 2022, p. 280).

No decorrer da pesquisa é evidenciada a maneira com que as pessoas utilizam as mídias sociais para tratar assuntos ligados a gênero, muitas vezes para popularizar essa temática, outras para retrocederem ou firmarem estereótipos. As autoras destacam a bancada que se colocam contra a “ideologia de gênero” ao impor que os meninos precisam agir de acordo com o seu sexo biológico e as características que são impostas socialmente a eles, o mesmo acontece com o sexo oposto (Railane; Alvarenga; Silva, 2022).

Os argumentos utilizados giravam em torno da defesa de que: “[...] a sexualidade deve ser discutida somente dentro das famílias e que o ensino e promoção da igualdade de gênero e diversidade sexual é uma estratégia de destruição do conceito

¹⁰ Conservadorismo: corrente de ideias que busca a manutenção da sociedade tal como ela já está organizada.

absoluto de macho e fêmea e do conceito de família¹¹” (Paixão, 2015, *apud* Railane; Alvarenga; Silva, 2022, p. 284), evidenciando práticas que reforçam papéis de gênero e pré-conceitos a respeito desta concepção, e excluindo uma das funções da escola de oportunizar pleno desenvolvimento dos sujeitos, direito esse assegurado no:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, Art. 205).

Para além, Railane, Alvarenga e Silva (2022), expõem a utilização das mídias sociais por grupos de pessoas que são a favor do debate da diversidade de gênero e sexualidade nas instituições escolares, em sua maioria professores/as e universitários/as que veem o movimento da “ideologia de gênero” como uma forma de disseminar irrerealidades a respeito das abordagens sobre estas temáticas. As autoras ressaltam que:

Segundo os/as docentes, os discursos disparados pelas alas conservadoras estão desconectados do que, de fato, são os estudos de gênero, pois não se trata de “doutrinar”, tampouco de uma “ideologia”, mas de oportunizar reflexões e discussões, por exemplo, sobre as relações de desigualdades referentes aos acessos e oportunidades entre homens e mulheres [...] Além disso, a temática prevê a igualdade dos direitos entre as pessoas (de ser, estar e de se relacionarem) na sociedade sem que haja julgamento ou repúdio em termos de crenças, valores e costumes (Railane; Alvarenga; Silva, 2022, p. 287).

Assim, é explicado que o assunto de gênero nas escolas trata de levar aos/às alunos/as reflexões sobre a diversidade e diversificação das identidades de gênero e da sexualidade, além da equivalência entre eles, como é expresso em:

Nesse sentido, não se trata de incentivar relações sexuais entre crianças e adolescentes, nem de homossexualizar os corpos, mas de propor espaços para o diálogo referente as diferentes identidades de gêneros, bem como sobre as disparidades entre homens e mulheres nas distintas áreas socioculturais (nos esportes, lazer, trabalho etc.) (Railane; Alvarenga; Silva, 2022, p. 291).

¹¹ Conceito de família: neste trecho as autoras apresentam o termo “conceito de família” como a organização familiar tradicional formada por homem, mulher e filhos/as.

Com essa pesquisa, percebemos o modo como as mídias sociais proporcionaram, nos últimos anos, a intensificação dos debates a respeito de gênero e sexualidade, tanto por indivíduos que são contra essas discussões, quanto pelos que defendem sua importância, o que só é possível pela criação de espaços onde os/as usuários/as possam agir ativamente, consumindo ao mesmo tempo em que produzem.

O segundo artigo analisado leva o nome de “Mulheres, Futebol e Preconceitos de Gênero e Sexualidade nas Mídias Sociais”, com autoria de André Luiz dos Santos Silva, Daniel Luciano Gevehr, Martina Gonçalves Burch Costa e Pedro Gabriel Silva de Almeida (2024). O qual apresenta como objetivo investigar:

[..] os modos pelos quais os leitores/as da página ZH Esporte (Facebook) se posicionaram frente ao processo de estruturação e divulgação dos campeonatos e resultados dos jogos das equipes de futebol de mulheres vinculadas ao Sport Club Internacional e ao Grêmio Football Porto-alegrense no período de Janeiro e outubro de 2017 (Silva *et al.*, 2024, p. 35).

Sendo assim, foram examinados pelos/as autores/as os comentários postados em reportagens publicadas na página da Zero Hora Esporte, na rede social *Facebook* que tematizam acerca do futebol feminino das equipes do Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense e do Esporte Clube Internacional entre o período de janeiro a outubro de 2017 (Silva *et al.*, 2024). Este objeto de estudo surgiu após perceberem que, quando o futebol feminino é colocado em discussões nas redes sociais, a maioria das publicações atravessa as discussões de gênero e sexualidade.

No decorrer da investigação, no artigo, foram consideradas nove reportagens, totalizando 155 comentários, dos quais 59 se relacionavam aos temas de gênero e sexualidade. Portanto, os autores e a autora constataram que mais de 1/3 das manifestações dos/das leitores/as tiveram relação a essa temática. Para melhor fundamentar esta análise, Silva *et al.* (2024) empregam gênero a partir de Joan Scott, Linda Nicholson e Judith Butler, ao considerar este como uma forma de significar as relações, narrados e produzidos discursivamente, excluindo as explicações biológicas para as desigualdades sociais. Assim, afirmam que:

Ao tomar o sexo como resultado de um processo de naturalização, este artigo assume o entendimento de que os corpos na nossa sociedade são

constantemente narrados e produzidos como masculinos ou femininos, procedimento que envolve, como exemplo, práticas esportivas entendidas como capazes de masculinizar ou feminilizar sujeitos que a eles se vinculam. (Silva *et al.*, 2024, p. 38).

Dessa forma, constatou-se que as mulheres quando não eram colocadas em posições de zombaria ou invisibilizadas, eram tidas como grotescas ao serem comparadas com a equipe masculina de futebol, conseqüentemente os/as consumidores/as acabavam dificultando as práticas femininas e endeusando as equipes masculinas. Para mais, Silva *et al.* (2024) destacam que durante o período em que os comentários foram publicados os times ainda estavam em processo de formação, ou seja, as atletas não haviam disputado jogos e/ou campeonatos, desse modo, todas as manifestações assumiram que o grupo seria inferior baseado em seu gênero e não em seu rendimento esportivo. Esta percepção se justifica baseada em um estereótipo que coloca os esportes disputados pelas mulheres como fraco e o masculino como o ideal a ser alcançado, como é exemplificado pela opinião exposta na publicação: “Não é ser machista¹², mas é torturante ver uma partida de futebol feminino. Olhem os erros de passes, falhas bizarras, frangos das goleiras etc” (Gabriel W. 31/05/2017).

Além disso, em alguns comentários há a presença de julgamentos homofóbicos¹³, os quais se aproximavam a 30% do total das manifestações, constituindo o maior tópico abordado pelos/as torcedores/as, sua maioria ligados ao time masculino de futebol, sem se relacionar com o conteúdo da publicação (Silva *et al.*, 2024). Entre eles podemos destacar: “O gaymio então terá dois times de moças, que massa” (Fernando F. 10/03/2017), “Internacional tudo viado” (Marvin M. 11/03/2017), e “As Gazelinhas coloridas dos moranguinhos estão esperando elas jogarem com o Bi Caloteiro” (Beto S. C. 06/07/2017).

A pesquisa revela que tanto o time de futebol feminino quanto o masculino tiveram suas habilidades físicas e técnicas diminuídas por meio de expressões misóginas¹⁴, homofóbicas e machistas (Silva *et al.*, 2024). Para mais, a equipe formada

¹² Machista: comportamentos, discursos e/ou ações que colocam ou reforçam a figura do homem como superior quando comparado às mulheres, limitando-as simplesmente por serem do gênero feminino.

¹³ Homofóbicos: discursos e/ou práticas que expressam preconceito ou discriminação contra indivíduos que não se encaixam nos padrões heterossexuais.

¹⁴ Misóginas: comportamentos, discursos e/ou ações que expressam aversão, desprezo ou repulsa por indivíduos que se compreendem como mulheres.

por mulheres teve ainda o seu apagamento quando não eram ao menos citadas na maioria dos comentários mesmo sendo tema central das publicações, evidenciou-se dessa maneira, o silenciamento social sofrido pelas mulheres e por questões que se relacionam a elas, assim:

Em meio a críticas e incentivos ao futebol de mulheres, as chacotas misóginas que usavam o futebol de mulheres para desqualificar o futebol de homens, bem como as chacotas homofóbicas que sequer citavam as mulheres e o futebol por elas performado, foi possível perceber um contexto de negligência e invisibilidade das mulheres, principalmente porque elas se constituíram como motivo central das reportagens publicadas pela ZH Esportes. Como protagonista de fundo, como coadjuvante de um debate no qual deveriam ser elemento central, o futebol de mulheres foi menosprezado, negligenciado, quando não, ignorado (Silva *et al.*, 2024, p. 51).

Com isso, normas e estereótipos de gênero foram expostos por meio desses comentários, retratando uma hierarquização entre os gêneros e as sexualidades. Os autores e a autora ainda apresentam que: “A dignidade nesse contexto parece girar em torno da hombridade, virilidade e pujança manifestas na performance esportiva e principalmente nas condutas sexuais heterocentradas” (Silva *et al.*, 2024, p. 51).

Por último, vale ressaltar que apesar das manifestações negativas e criminosas, também houve opiniões de incentivo aos jogos femininos e a iniciativa do Sport Clube Internacional de organizar uma seleção aberta destinada às meninas que desejassem compor o time. Daniel P. mostra que:

Que seja [...] uma excelente oportunidade de surgimento de novos talentos para o futebol brasileiro. Que as meninas desempenhem bem o seu papel e que os clubes tenham esse compromisso de manter as mulheres em atividade (11/03/2017).

Esse exemplo demonstra que, apesar das considerações desfavoráveis, as mídias sociais também são um lugar para promover discussões acerca de gênero e sexualidade, para pensar a equidade entre os indivíduos e as expressões seguras das diversidades. Dessa forma, ao comparar os artigos investigados, observa-se que ambos evidenciam a maneira como as redes podem ser utilizadas tanto para a reprodução de práticas limitantes e padrões naturalizados, quanto como um ambiente promissor para a reflexão acerca dessas temáticas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As mídias sociais são ferramentas presentes em nossa rotina, portanto são necessárias discussões acerca de seu uso e de suas implicações, uma vez que por meio delas, as informações e os entretenimentos chegam até as pessoas, a comunicação se efetiva e novos modos de relações são formados. Mediante a pesquisa realizada pelo *TIC Kids Online Brasil* no ano de 2024, que por meio de entrevistas presenciais com 2.424 crianças e adolescentes, além de 2.424 pais, mães e responsáveis no período de março a agosto de 2024, foi constatado que 83% das crianças e adolescentes no Brasil fazem uso de redes sociais (*Tic Kids Online Brasil*, 2025).

Assim, os/as jovens podem ser vulneráveis e suscetíveis ao que é apresentado nas redes, dado que seus pensamentos e suas crenças não estão devidamente enraizados, podendo sofrer influências em sua forma de se expressar na sociedade (Rodrigo de Freitas Souza; Alessandra Tozatto (2024), uma vez que:

As mídias sociais promovem estereótipos de comportamento, personalidade e estilo de vida, além dos padrões de beleza. Os adolescentes podem sentir uma pressão para conformar-se a esses estereótipos, mudando seu comportamento e aparência para corresponder às expectativas impostas pela cultura online (Maria Isabella Pereira de Alencar; Maria Eduarda Bonfim Oliveira, 2025, p. 5).

Ao terem acesso à disseminação de ódio, a estereótipos de gênero, à sobreposição dos homens, além da naturalização de padrões sexistas¹⁵, heteronormativos¹⁶ e machistas, as crianças que acessam esses espaços midiáticos podem se sentir coagidas a tentar encaixar-se no que é apresentado como padrão, em decorrência do medo de serem deixadas de lado ou virarem chacota. Pois, em razão de se tratar de costumes naturalizados, os indivíduos que se diferem da regra são punidos por meio de exclusões sociais, sendo ridicularizados, como foi apresentado nos

¹⁵ Padrões sexistas: normas e comportamentos que tratam os indivíduos de maneira desigual considerando seu gênero, os quais reforçam estereótipos, preconceitos e relações de poder.

¹⁶ Heteronormativos: o ato de considerar os comportamentos heterossexuais como o padrão, o esperado ou algo que precisa ser alcançado, e que considera como errado o que se difere a esse padrão.

comentários das publicações a respeito do futebol feminino, resultando assim, em comparações e pressão para adequar-se aos estereótipos. Do mesmo modo:

Isso ainda pode colaborar para a perpetuação de estereótipos prejudiciais e discriminatórios, reforçando conceitos de superioridade e inferioridade fundamentados na aparência física. A exclusão de grupos que não se encaixam nos padrões convencionais de beleza pode surgir dessa situação, aumentando os problemas relacionados à discriminação e à exclusão social (Alencar; Oliveira, 2025, p. 5).

Além disso, expor os infantes a essas publicações corrobora para o comprometimento de seus sentidos de pertencimento, fazendo-os mudarem seus comportamentos devido o anseio de se encaixarem no padrão tido como “ideal”. A pesquisa de João Paulo Balisnei e Bruna dos Santos Brasil (2023, p. 16) apresenta essa padronização coerciva e normativa, ao mostrar que: “A sensação ou ideia de norma é produzida, então, através de processos discursivos, culturais e visuais que são também pedagógicos. A norma, portanto, é ensinada”. Considerando isso, por meio das investigações, percebemos que as manifestações dos/das usuários/as das redes de socialização digitais reproduzem práticas sociais que reforçam a desigualdade entre os gêneros ao colocar as mulheres em posição de inferioridade aos homens, sendo deixadas de lado mesmo quando eram o assunto central da publicação.

Souza e Tozatto (2024), argumentam acerca da relevância das discussões de gênero e sexualidade, pois estas temáticas também fazem parte da construção da identidade dos indivíduos, a qual pode ser influenciada a partir de modelos socioculturais e históricos, e que, por isso, vão se modificando ao longo do tempo. Os autores expressam que:

Pode-se compreender que os adolescentes se preocupam demasiadamente com a imagem e a forma que se exibem nas redes sociais e, consequentemente, na opinião e julgamento alheios, o que se traduz em uma problemática dos tempos atuais, de tal forma que estão na maioria das vezes tentando agradar o próximo, deixando de viver a sua “verdade” (Souza; Tozatto, 2024, p. 5284).

Como apresentado anteriormente, muitas crianças possuem acesso a esses tipos de ferramentas, comunicações e conteúdos, assim, ao se depararem com a

presença de comentários homofóbicos, esses discursos podem impactar a construção de suas identidades, pois faz com que se sintam repreendidas por mostrar quem são.

Com isso, podemos concluir que as mídias sociais são hoje um ambiente de acesso e socialização por parte de diferentes faixas etárias, vêm nos acompanhando ao longo da vida, e por reproduzirem discursos de poder e desigualdades contribuem para a manutenção de padrões ligados aos papéis de gênero e às desigualdades entre homens e mulheres, pois, na maioria de suas interações representam características socialmente construídas e atribuídas a eles. Contudo, também podem ser utilizadas como ferramenta para promover reflexões críticas sobre a diversidade de gênero e sexualidade, podendo tanto reproduzir iniquidades e estereótipos quanto servir como instrumento de transformação social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa proporcionou uma melhor compreensão e aprofundamento a respeito da maneira com que as mídias sociais se relacionam com as questões de gênero, dando enfoque às desigualdades e aos estereótipos ligados aos papéis e expressões de gênero. Com as análises realizadas, foi possível constatar que as plataformas digitais exercem função significativa na construção das discriminações e dos padrões associados aos homens e mulheres, uma vez que os ciberespaços funcionam como locais de disseminação de opiniões, e podem ser utilizados para reforçar e naturalizar características que são destinadas aos sujeitos de acordo com o seu gênero, tanto quanto para gerar discussão e reflexão crítica acerca dessa temática.

Assim, concluímos que, nas mídias sociais há a presença do debate a respeito de gênero e sexualidade, e que em sua maioria, os comentários e publicações reforçam os estereótipos ligados a eles, já que, por se tratar de um meio social acaba retratando como a sociedade está estruturada. Isso ficou evidente por meio dos artigos analisados, pois neles constatamos a abertura de espaços para a disseminação de ideias contrárias, devido a pluralidade de indivíduos e ideias que circulam digitalmente, pois trata-se de um local que proporciona disputas por significados (Silva *et al.* 2024).

Conforme expressam Eliane Rose Maio, Márcio de Oliveira e Reginaldo Peixoto (2020, p. 63), entre as funções das instituições escolares podemos ressaltar a de “contribuir para a diminuição das desigualdades e discriminações sociais, sobretudo às relacionadas às mulheres e pessoas LGBTQIA”, o que retrata a relevância da discussão acerca de gênero e sexualidade em cursos voltados à formação de professores/as, pois assim, possibilitamos a reflexão acerca das práticas pedagógicas e da maneira com que estas podem auxiliar ou limitar o desenvolvimento das crianças, além de promover o respeito às diferenças.

Vale destacar também a necessidade da ampliação de discussões a respeito da relação entre as mídias sociais e as questões de gênero, pois os resultados obtidos por meio desta pesquisa consideram que as crianças estão inseridas nesse espaço e que, por ainda estarem no período de construção da sua subjetividade, ficam mais suscetíveis ao que é exposto, tornando assim, essencial promover diálogos que estimulam a reflexão, o respeito e a valorização da diversidade.

8 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Isabella Pereira de; OLIVEIRA, Maria Eduarda Bonfim. A Influência das Mídias Sociais na Construção da Autoimagem do Adolescente: uma revisão de literatura. **Revista de Geopolítica**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. e640, 2025.

ALMEIDA, Nilson Ferreira de. SANTINELLO, Jamile. Tecnologias Digitais e as Crianças do Século XXI: Os Desafios Educacionais Pós Isolamento Social (2020-2022). **Journal of Media Critiques**. Brasil, vol. 10, n. 26, p.01-19, 2024.

ANDRADE, Raquel Rabelo. PEREIRA, Livia. Uniforme Escolar Infantil: seu posicionamento na identificação dos gêneros. **Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, vol. 6, n. 12, p. 141–155, 2013.

BALISCEI, João Paulo; BRASIL, Bruna dos Santos. “Brinquedos não têm gênero”: cultura visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 26, n. 48, 2023.

BECK, Dinah Quesada. GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos Culturais e Estudos de Gênero: Proposições e Entrelaces às Pesquisas Educacionais. **Holos**. Vol. 4, p. 172-182, 2013.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 de set. 2025.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014.

CAMPOS, Luís. CANAVEZES, Sara. **Introdução à Globalização**. Lisboa: Instituto Bento Jesus Caraça / Departamento de Formação da CGTP-IN, 2007.

COMM, Joel. **O poder do twitter: estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez**. São Paulo: Gente, 2009. *In*: FORMENTIN, Cláudia Nandi. LEMOS, Maite. **Mídias Sociais e Educação**. SIMFOP, 2011.

CRUZ, Andrey Gabriel Souza da; TERUYA, Teresa Kazuko; MAIO, Eliane Rose. Masculinidades em “Mundo Estranho” - Disney e a representação positivada para homens negros não heterossexuais. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 34, n. 00, e023022, 2023.

ECHALAR, Jhonny David. LIMA, Daniela da Costa Britto Pereira. OLIVEIRA, João Ferreira de. Plano Nacional de Educação (2014–2024) – O uso da inovação como subsídio estratégico para a Educação Superior. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.28, n.109, p. 863-884, out./dez. 2020.

FORMENTIN, Cláudia Nandi. LEMOS, Maite. **Mídias Sociais e Educação**. SIMFOP, 2011.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. As contribuições dos estudos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar dos docentes. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Em 2023, 88,0% das pessoas com 10 anos ou mais utilizaram Internet**. Agência de Notícias - IBGE, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em: set. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAIO, Eliane Rose, Oliveira, Márcio de. PEIXOTO, Reginaldo. Discussão sobre gênero

nas escolas: ações e resistências. **Retratos Da Escola**, 2020, 14 (28), 57–74.
<https://doi.org/10.22420/rde.v14i28.1083>.

MENDONÇA, Roberta Rayza Silva de. LAGE, Allene Carvalho. Mulheres em Situação de Refúgio e os Papéis de Gênero. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 62 - 77, 2021. In: CARDOSO, Fernando da Silva. COSTA, Luísa Vanessa Carneiro da. MENDONÇA, Roberta Rayza Silva de. **Gênero: ensaios para a reflexão de questões teóricas e epistêmicas**. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 193 - 207, 2021.

NELSON, Cary. TREICHLER, Paula A. GROSSBERG, Lawrence. **Estudos culturais: uma introdução**. Tradução de Christine Rufino d'Aguiar. Bauru: EDUSC, 2009.

RAILANE, Kerzia; ALVARENGA, Elda; DA SILVA, Erineusa Maria. As narrativas da “ideologia de gênero” nas mídias sociais e na imprensa: tensionamentos na educação brasileira. **Caderno Espaço Feminino**. Minas Gerais, v.35, n.1, p. 273 - 298, jan./jun. 2022.

RECUERO, Raquel. **O que é mídia social?**. 2008. Disponível em:
http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/o_que_e_midia_social.html. Acesso em: set. 2025.

RISK, Eduardo Name. SANTOS, Manoel Antônio dos. **Estudos Culturais, Pesquisa Qualitativa e Mídias: critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais**. Psicologia & Sociedade, [S.l.], v. 33, 2021.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 24^a. ed. rev. e atual. 2016.

SILVA, Susana Veleda da. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 262, 2000.

SILVA, André Luiz dos Santos. GEVEHR, Daniel Luciano. COSTA, Martina Gonçalves Burch. ALMEIDA, Pedro Gabriel Silva de. Mulheres, Futebol e Preconceitos de Gênero e Sexualidade nas Mídias Sociais. **Gênero**. Niterói, RJ. Vol. 25, n. 1 (2024), p. 33-54.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. **Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.

SOUZA, Rodrigo de Freitas; TOZATTO, Alessandra. Redes sociais e os impactos na formação da identidade dos adolescentes. **Revista Sociedade Científica**, vol.7, n. 1, p.5279-5294. 2024.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil.** São Paulo: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic.br.